

**EXPERIÊNCIA REFLEXIVA  
DE FUTUROS PROFESSORES DE LÍNGUAS  
SOB O VIÉS DA PRÁTICA EXPLORATÓRIA**

*Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)*  
[chaves.adri@hotmail.com](mailto:chaves.adri@hotmail.com)

**RESUMO**

Esta pesquisa é resultado do projeto de pesquisa que venho desenvolvendo na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. O objetivo é apresentar a prática exploratória como caminho possível de ensino, aprendizagem e reflexão na formação de futuros professores de línguas, no curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, em Campo Grande. Para tal, integrarei os conceitos da linguística aplicada, área de estudo na qual esta pesquisa se insere, aos da prática exploratória, que, segundo Miller (2006), é uma forma de ensinar e aprender que encoraja os participantes de sala de aula a olhá-la como uma fonte inesgotável de questões (*puzzles*) a ser investigadas, buscando gerar entendimentos sobre as práticas pedagógicas naquele contexto. Norteadas pelos paradigmas da prática exploratória, enquanto pesquisadora e orientadora, espero que minha aluna regente, busque “agir para entender”, ao trazer, questões da vida de sala de aula para a sua consciência; refletir mais intensamente com colegas e/ou coparticipantes dentro e fora de sala de aula; olhar, ouvir, sentir e ficar mais atenta ao que acontece em sala de aula, enquanto está acontecendo; planejar para entender através de atividades pedagógicas.

**Palavras-chave:**

Experiência reflexiva. Professor de língua. Prática exploratória. Ensinar. Aprender.

**1. Introdução**

A formação docente é um dos grandes desafios dos cursos de licenciatura nas universidades, o que torna o desenvolvimento de pesquisas sobre o assunto, essencial. Atualmente, pesquisadores têm se deparado com a complexidade que envolve a profissão de professor e vêm estudando sobre os processos de construção do conhecimento, identidade do professor, atitude crítica-reflexiva, entre outros, buscando novos referenciais teórico-metodológicos, que substituam os velhos paradigmas de formação e apresentem as novas perspectivas de uma escola reflexiva.

Contudo, críticas aos programas de formação de professores são comuns, entre os envolvidos com a licenciatura. Ouve-se que as propostas são feitas “de cima para baixo” e sem a participação dos acadêmicos em formação; que a teoria prevalece sobre a prática; e que pouca importância é dada à experiência e à vivência dos aprendizes, fazendo com que

as reais necessidades dos futuros professores não sejam totalmente atendidas. Tais questões mostram que é preciso valorizar a aprendizagem, a autonomia, o autodesenvolvimento e os entendimentos dos futuros professores em formação, adquiridos através da reflexão sobre o que está acontecendo em seus contextos de trabalho, ou seja, nas suas salas de aula.

De acordo com Moita Lopes (2000; 2003), a construção do conhecimento do professor em formação deve priorizar sua atitude crítica, teoricamente informada. Miller (2010) complementa essa ideia de Moita Lopes e acrescenta questões relacionadas ao cotidiano da formação do professor.

Levando em consideração as ideias dos autores acima arrolados, o objetivo pesquisa é apresentar a Prática Exploratória como caminho possível de ensino, aprendizagem e reflexão na formação de futuros professores de línguas, no curso de letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, em Campo Grande.

Destaca-se, portanto, a relevância deste estudo, uma vez que seu princípio é a formação pela reflexão sobre a prática pedagógica, por meio de ações investigativas, orientadas por questões advindas das atividades de extensão, ensino e pesquisa.

Buscarei integrar os conceitos da linguística aplicada, área de estudo no qual esta pesquisa se insere à prática exploratória, uma forma de ensinar e aprender que encoraja os participantes de sala de aula a olhá-la como uma fonte inesgotável de questões (*puzzles*) a serem investigadas, buscando gerar entendimentos sobre a vida e as práticas naquele contexto (MILLER, 2006)

## **2. Linguística aplicada**

Em minha tese de doutorado (CHAVES, 2010), assevero que a linguística aplicada é uma área de pesquisa transdisciplinar que estuda fenômenos da linguagem como prática social, ou seja, a linguagem real contextualizada, valendo-se dos conceitos da própria linguística, educação, sociologia, psicologia, educação, ciências sociais e outros campos de conhecimento.

Para Moita Lopes (1996) e Spillner (1995), a linguística aplicada é uma área de investigação aplicada, mediadora, transdisciplinar, centra-

da na resolução de problemas de uso da linguagem, que tem foco na linguagem de natureza processual, que colabora com o avanço do conhecimento teórico-prático e que faz uso de métodos tanto quantitativos quanto qualitativos nas pesquisas.

A linguística aplicada interdisciplinar, chamada por Moita Lopes de “híbrida” ou “mestiça”, oferece um caminho para o entendimento das práticas sociais da vida cotidiana, visto que esta é uma abordagem que passa entre e através das disciplinas, numa busca de compreensão da complexidade (MOITA LOPES, 2006, p. 14).

Autores como Searley e Carter (2004) advogam que a linguística aplicada deve ser entendida como uma ciência social, pois os seus principais interesses são a língua, as práticas que motivam os seres humanos como agentes, quando utilizam a linguagem e a natureza das estruturas dos contextos sociais, onde as pessoas procuram alcançar os seus objetivos e interesses. Dessa maneira, os linguistas aplicados cada vez mais têm direcionado os seus estudos para os contextos de interação social, como meio de obter conhecimento sobre o modo como os atores sociais constroem o discurso, aprendem, atuam no trabalho etc.

Alinhando o que foi exposto à minha proposta de desenvolver um modelo de formação de professores, pautado na reflexão para a busca de mais conhecimento sobre a o assunto.

Concordo com Paiva (2005), quando diz que o objetivo da linguística aplicada não deve ser a solução de problemas relacionados com a linguagem, pois, de acordo com suas crenças, nenhuma área de estudo teria o poder de resolver problemas dessa natureza, uma vez que as soluções propostas serão sempre temporárias.

No que concerne à formação do docente, a linguística aplicada, atualmente, propõe-se a levar ao entendimento de que a linguagem é socialmente construída e, portanto, é necessário desenvolver no professor uma consciência sociopolítica com relação aos problemas inerentes a linguagem em relação ao contexto social. Além disso, deve-se levar o docente em formação a perceber que a interação em sala de aula é essencial para gerar as questões que irão auxiliá-lo a compreender melhor a sua prática e o seu aluno, ao buscar formas de melhorar as condições de ensino e de aprendizagem.

### 3. *Prática exploratória*

A prática exploratória foi desenvolvida por Allwright nos anos 90, como uma alternativa de se conduzir investigações em sala de aula, após sua visita à Cultura Inglesa do Rio de Janeiro, onde trabalhei por 23 anos e onde minha pesquisa de Doutorado se desenvolveu.

Seu objetivo principal, “investigar para compreender” meramente atividades do cotidiano dos coordenadores, professores e alunos, ao invés de utilizar técnicas de pesquisas acadêmicas, o autor contrapôs-se à Pesquisa-Ação, bastante praticada na época, cujo objetivo é “solucionar diretamente” problemas práticos e cujo lema é “ação para mudança”.

Como uma proposta diferente, a prática exploratória tem por foco a “ação para o entendimento” das questões relacionadas às práticas de dentro e fora da sala de aula, denominadas *puzzles*.

Segundo Miller (2007), através dos *puzzles*, que são questionamentos sobre a própria prática pedagógica em forma de “por quês”, os professores tornam-se mais conscientes sobre as suas atividades de ensino. A prática exploratória não traz soluções ou verdades, pois os conceitos partem justamente dos *puzzles* de cada um. Um exemplo de *puzzle* seria: Por que os alunos têm dificuldade em relação à pronúncia do *th*? A partir daí vão vindo outros “por quês” e novos caminhos vão se abrindo. Essas indagações abrem oportunidades para reflexões e debates, que levam à conscientização sobre o que acontece em sala de aula.

Allwright (2003) percebeu que os professores, na instituição de ensino que visitara, estavam à beira do esgotamento por causa das exigências e pressões em melhorar suas atividades profissionais, através da constante busca por novidades e ideias pedagógicas atualizadas.

Então, a Prática Exploratória surgiu a partir de duas questões éticas observadas na ocasião: a distância entre pesquisadores sobre o ensino e os professores e o alto risco de esgotamento (*burnout*) pela quantidade de trabalho associada à demanda da pesquisa.

A prática exploratória tem como característica o uso deliberado da investigação das atividades corriqueiras de ensino e aprendizagem de línguas, como meio de coletar registros sobre o que acontece em sala de aula, inicialmente, fazendo ao mesmo tempo, uma contribuição direta à aprendizagem (ALLWRIGHT, 2007, p. 2).

Allwright (2007) sugeria a priorização da qualidade de vida em

classe, ao invés dos resultados do trabalho de ensinar e aprender. É importante ressaltar que qualidade de vida sob a ótica da Prática Exploratória tem um significado bastante específico. Segundo Allwright (2010: 1), é uma maneira alternativa de olhar e ver que talvez seja melhor que aprendizes e professores tenham uma relação mais próxima, de confiança, ao invés de distância.

Não é um método, mas um conjunto de princípios para entender a complexidade do ambiente da sala de aula, melhorando a qualidade de vida de alunos e professores. A grande vantagem para os envolvidos é a autoestima; as pessoas envolvidas passam a pensar numa maneira de melhorar a si mesmas, e em aproveitar mais a vida, porque sentem que têm a confiança de outras pessoas.

Allwright (2003) sugeriu que a prática exploratória fosse um novo processo reflexivo, através do qual, professores e alunos se integrassem na busca por entendimentos sobre suas práticas pedagógicas cotidianas. Os praticantes, ou seja, os envolvidos no processo, deveriam trabalhar juntos para entender qualquer assunto que os instigasse, seguindo suas próprias agendas, através da utilização de práticas pedagógicas normais do dia-a-dia, evitando o esgotamento, sem a preocupação de mudar ou apresentar soluções, apenas visando contribuir para o ensino, a aprendizagem e o desenvolvimento de todos.

No campo do desenvolvimento do professor, Allwright (2007) apresenta três propostas de pesquisa: prática reflexiva, prática exploratória e pesquisa-ação. Baseado nessas três propostas que podem ser adotadas por professores, coordenadores e alunos para seu desenvolvimento, Allwright (2007) sugere, então, três grandes macroprocessos: contemplar para entender, agir para entender e agir para mudar.

Segundo o autor, “contemplar para entender” é importante, pois pensar pode levar a um entendimento útil para uma ação futura, se necessário. “Agir para entender” significa que as pessoas envolvidas não estão procurando resolver problemas; ao contrário, estão tentando entender uma questão. “Agir para mudar” só deve acontecer se, após a “contemplação” de uma situação para entendê-la melhor, chegar-se a conclusão de que a mudança é desejável, realmente.

Sete são os princípios que orientam a prática exploratória (ALLWRIGHT, 2001a *apud* CHAVES, 2010, p. 70):

- 1- Colocar a qualidade de vida em primeiro lugar. É mais válido para

o professor, aluno ou pesquisador trabalhar para entender a qualidade de vida nas salas de aula ou em outro contexto profissional, do que da qualidade do trabalho por si só, porque trabalho é parte da vida e não separado dela. A prática exploratória foi desenvolvida com o propósito de oferecer maior satisfação no trabalho, ao invés de meramente maior eficiência dos procedimentos.

- 2- Trabalhar para entender a vida na sala de aula, ou em outros contextos profissionais. O praticante exploratório deve procurar entender, ao invés de buscar resolver problemas. “Agir para entender” é mais importante do que “agir para mudar”. A busca por entendimento não resulta necessariamente em mudança e, se ela ocorrer, será uma consequência natural do processo. No entanto, o “trabalho para o entendimento” não deve ser percebido como um pré-requisito para o “trabalho para a mudança”, pois “agir para mudar” nem sempre é o adequado. Os praticantes podem optar por não mudar.
- 3- Envolver todos neste trabalho. “A prática exploratória busca a harmonia em sala de aula, que deve ser alcançada a partir do trabalho conjunto para buscar entendimentos, envolvimento, união, comprometimento, crescimento, reflexão e cooperação” (2006, p. 3). Para se conseguir o envolvimento dos praticantes exploratórios, atuando juntos em um mesmo processo, é importante que os questionamentos sejam relevantes para todos do grupo.
- 4- Trabalhar para a união de todos. Os praticantes devem trabalhar em clima de cordialidade e coparticipação, em torno de suas questões. A integração entre as pessoas envolvidas na situação do puzzle (professores, alunos, colegas, coordenadores, pais etc.) e sua tentativa coletiva de entender como eles se envolvem em suas atividades regulares melhora qualitativamente a natureza da vida em que sala de aula. É essa integração entre as pessoas, o trabalho, e entender que também contribui para a continuidade do processo de entendimento. (MILLER, 2006).
- 5- Trabalhar para o desenvolvimento mútuo. O praticante exploratório não almeja seu próprio desenvolvimento apenas; ao contrário, entende que o trabalho de cada um cria oportunidades de desenvolvimento para todos.
- 6- Fazer do trabalho uma atividade contínua e não uma atividade dentro de um projeto. Quem trabalha “para entender” não acredita

que a vida é feita de problemas a serem resolvidos separadamente, mas entende que o mundo é composto de interessantes e contínuos questionamentos (*puzzles*).

- 7- Integrar o trabalho para o entendimento com as práticas de sala de aula, ou em outros contextos profissionais, a fim de evitar que esgote seus participantes. Toda “ação para o entendimento” deve estar integrada às práticas profissionais, para evitar esgotamento.

#### **4. Metodologia**

De acordo com Vergara (2003), este projeto poderá ser classificado segundo dois critérios básicos: quanto aos fins e quanto aos meios de investigação. Quanto aos fins, poderá ser considerado como exploratório, que de acordo com Gil (1996), objetiva explorar um problema ou situação para prover critérios e compreensão. O projeto objetiva, também, desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, com vistas à formulação de problemas mais precisos ou hipóteses questionáveis.

Esta será uma pesquisa exploratória, na medida em que será realizada numa área interdisciplinar, envolvendo letras e pedagogia, que juntas disponibilizaram conhecimento sistematizado sobre o processo de orientação com base em ações investigativas e reflexiva.

Quanto aos meios, poderá ser classificado como: pesquisa de campo, pois será uma investigação empírica realizada no curso de extensão (NEL), da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Campo Grande; e um estudo de caso, pois, além de circunscrita a uma unidade da instituição e o trabalho com uma orientanda, terá o caráter de profundidade e detalhamento, seguindo a definição de Bruyene, Herman, Schoutheete (1991), que asseveram que o estudo de caso é um método de pesquisa que permite a adoção de uma estratégia de coleta de dados diversificada, viabilizando detalhamento e profundidade da pesquisa.

Yin (1994) afirma que o estudo de caso tem conquistado uma popularidade crescente na investigação educacional, nos últimos anos. Para o autor, esse é um tipo de investigação que visa conhecer o *como* e o *porquê* de um fenômeno, isto é, do próprio caso. É uma forma de se fazer pesquisa empírica, que investiga fenômenos contemporâneos, dentro do contexto da vida real, em situações onde as fronteiras entre o fenômeno e

o contexto não estão claramente estabelecidas e onde se utiliza várias fontes de evidência.

Como já foi asseverado anteriormente, a pesquisa de campo acontecerá na Unidade de Campo Grande da UEMS, mais especificamente, no Núcleo de Ensino de Línguas, NEL, ou seja, um projeto de extensão elaborado por um grupo de docentes efetivos do curso de letras, área de linguística aplicada, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, do qual faço parte.

O projeto de pesquisa se propõe a oferecer cursos de línguas (modernas estrangeiras e clássicas) – concebidos por professores e alunos da graduação com o conhecimento de nível avançado sobre a disciplina, dirigido à comunidade aberta (estudantes, profissionais liberais, terceira idade, dos bairros vizinhos e de outros locais da cidade de Campo Grande) e comunidade UEMS.

Outra dimensão importante desta proposta diz respeito à reflexão sobre a experiência singular de oferecer aulas de línguas para um público carente de bens culturais, que nem sempre tem acesso a cursos de língua estrangeira. Esse argumento é coerente com a realidade social de muitos acadêmicos da UEMS, em particular da unidade universitária de Campo Grande, que têm acesso pela primeira vez ao conhecimento intelectual e cultural. Nesse sentido, o NEL espera ser um verdadeiro laboratório de experiências didáticas voltadas para a inserção social da comunidade externa, que constitui o público-alvo do projeto e interna da Universidade.

Contamos com a colaboração de acadêmico-bolsistas para atuarem na assessoria técnico-pedagógica do projeto, auxiliando a coordenadora e os membros colaboradores (professores) na inscrição dos alunos, controle dos pagamentos, elaboração de planilhas para controlar os inscritos e pagamentos respectivos, monitoria junto às turmas, apoio material aos professores, participação na organização de eventos. Além disso, esses acadêmico-bolsistas, podem ministrar aulas, caso tenham competência linguística para tal, como é o caso da minha orientanda, que assumiu a turma de Inglês I, a partir de março de 2013.

Minhas responsabilidades são as de ministrar aulas de língua inglesa II e prestar assessoria didático-pedagógica ao curso de língua inglesa I, ministrado pela acadêmica do terceiro ano do curso de letras de português/inglês licenciatura.



Espero que com as monitorias, a acadêmica regente vivencie na prática, a experiência de ensino e aprendizagem de línguas, o que é coe-  
rente com sua formação acadêmica no curso de letras, em nível de licen-  
ciatura.

A coleta de dados será feita através de pesquisa de campo, pois  
serão realizadas entrevistas com a orientanda.

Discutiremos textos sobre ensino de línguas, por meio dos quais  
estimularei a análise crítica. Planejaremos atividades de aulas a partir de  
reflexões sobre as leituras de autores relevantes na literatura da área.

Através da discussão do ensino de inglês, buscaremos pensar cri-  
ticamente sobre as crenças e teorias que parecem fundamentar a prática  
docente. Refletiremos também sobre o ensino das quatro habilidades da  
língua, ou seja, escutar, falar, ler e escrever e as dificuldades dos alunos.

A fim de alcançar o objetivo principal desta pesquisa, esses dados  
serão gravados, transcritos e analisados qualitativamente, à luz das con-  
tribuições da linguística aplicada e da prática exploratória.

## **5. Resultados esperados**

Como base nos princípios da linguística aplicada e da prática ex-  
ploratória, espero estimular a reflexão, buscando apresentar a prática ex-  
ploratória como um caminho possível de ensino, aprendizagem e reflexão  
sobre a prática de futuros professores de línguas.

Norteadas pelos paradigmas da prática exploratória (ALLW-  
RIGHT, 2003, p. 124-125), enquanto pesquisadora e orientadora, eu es-  
pero que minha orientanda, aluna regente, busque “agir para entender”,  
ao trazer, questões da vida de sala de aula para a sua consciência; refletir  
mais intensamente com colegas e/ou coparticipantes dentro e fora de sala  
de aula; olhar, ouvir, sentir e ficar mais atenta ao que acontece em sala de  
aula, enquanto está acontecendo; planejar para entender através de ativi-  
dades pedagógicas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLWRIGHT, D. Três macroprocessos do desenvolvimento do profes-  
sor e os critérios para desenvolvê-los e usá-los. Trad.: Maria de Lourdes  
Sette. In: \_\_\_\_\_. *Pesquisas em discurso pedagógico: alunos e professores*

na prática exploratória, 1. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa e Ensino de Línguas, Departamento de Letras, PUC-Rio, 2007.

———. Exploratory Practice: rethinking practitioner research in language teaching. *Language Teaching Research*. London: Arnold Publishers, 2003, vol. 7, n. 2, p. 113-142.

———. Entrevista. *Jornal da PUC-Rio*. [Rio de Janeiro]: Projeto Comunicar, 2010.

BRUYENE, P; HERMAN, J; SCHOUTHEETE, M. *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: o poder da prática metodológica*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

CHAVES, Adriana Lúcia de Escobar; MILLER, Inês Kayon de (Orientadora). *Reflexões sobre as práticas comunicativas e a (re) construção de identidades profissionais em uma instituição de ensino de inglês*. 2010. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

GIL, A C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1996.

MILLER, I. K. *Prática exploratória*. 2006. Disponível em: <[http://praticaexploratoria.blogspot.com/2006\\_12\\_01\\_archive.html](http://praticaexploratoria.blogspot.com/2006_12_01_archive.html)>. Acesso em: 23-09-2010.

———. Prática exploratória: questões e desafios. In: GIL, G.; ABRAHÃO, M. H.. (Org.). *A formação do professor de línguas: os desafios do formador*. Campinas: Pontes, 2008, p. 145-165.

MOITA LOPES, L. p. A transdisciplinaridade é possível em linguística aplicada? In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (Org.). *Linguística aplicada e transdisciplinaridade*. São Paulo: Mercado das Letras, 1996, p. 113-128.

———. Introdução: Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, L. p. *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006, p. 13-44.

PAIVA, V. L. M. O. Entrevista. *Letra Magna*, n. 3, 2005. Disponível em: <<http://www.letramagna.com/entrevistavera.html>>. Acesso em: 14-05-2007.

SEALEY, A.; CARTER, B. *Applied linguistics as social science*. Austrá-

lia: Continuum International, 2004.

VERGARA, S. C. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.